



144 mil: sua identidade e o propósito da Igreja

The 144,000: their identity and purpose for the church

Mabio Coelho¹

Resumo/Abstract



Muito se fala sobre os 144 mil, o misterioso grupo introduzido no capítulo 7 de Apocalipse. As especulações e teorias sobre esse grupo têm fascinado os estudiosos da Bíblia através dos séculos. Sem se deter muito em todas as várias teorias, este artigo resume as teorias mais conhecidas, aglutinando-as em 4 grandes grupos para então introduzir quais características deste grupo são autoevidentes no texto Bíblico e a relação que elas têm com a Igreja hoje, vivendo nos momentos finais do tempo do fim.

Palavras-chave: 144 mil; Igreja; Identidade.



Much is said about the 144,000, the mysterious group introduced in Chapter 7 of Revelation. Speculation and theories about this group have fascinated scholars of the Bible through the centuries. Without dwelling much in all the various theories, this article summarizes the best known theories, coalescing them into 4 groups to outline which characteristics of this group are self-evident in the Biblical text and the relationship they have with the Church today, living in the final moments of the end-time.

Keywords: 144,000; Church; Identity.

O capítulo sete de Apocalipse é um capítulo parentético, exatamente entre os eventos cataclísmicos do sexto e sétimo selo, que narra uma cena

¹ Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Engenheiro de Telecomunicações com Mestrado em Engenharia de Software pela SIAC/SMU (Southern Methodist University) e Doctor of Professional Studies (DPS) em Segurança de Informação pela SICAC/Pace.

escatológica muito significativa: o selamento dos 144 mil. Através dos séculos, a identificação deste grupo tem deixado perplexos os leitores que buscam uma identificação positiva e inequívoca.

Não é o propósito deste artigo esgotar o assunto dos 144 mil, mas procurar prover informações relevantes para identificá-los, extraindo suas características principais e procurando descobrir como eles se relacionam com o propósito de Deus para sua Igreja. Assim, serão revistos, de maneira breve, as principais teorias sobre este grupo para então se examinar com mais profundidade – mesmo que não se chegue a uma identificação total e inequívoca – as características dos “selados” que podem ser compreendidas, de maneira clara, à luz das Escrituras. As perguntas a serem respondidas são: 1) Quais são as características autoevidentes no texto bíblico que permitem traçar um perfil da identidade, das características constitucionais dos 144 mil? e 2) Qual é a sua relação com o propósito de Cristo para Sua Igreja hoje?

O texto

36

A perícopé analisada vai de Apocalipse 7:1 até 7:17. Essa delimitação foi deduzida do fluxo natural do texto, pois desde Apocalipse 6:1 até 6:17, uma sucessão de eventos acontecem como consequência da abertura de cada um dos seis primeiros selos, dos sete descritos no começo da sequência. A sequência é interrompida entre o sexto e o sétimo selo, como num interlúdio, no capítulo sete.

Ao analisarmos o texto grego, encontrou-se 39 variantes², não trazendo alterações significativas no texto que modificassem o entendimento da identidade e das características constitucionais dos 144 mil. Como texto-base para este artigo, será utilizada a versão *João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada* (ARA):

Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos,

² 9 variantes no verso 1; 1 no verso 2; 5 no verso 3, 1 em cada um dos versos 4,5,6,7 e 8; 6 no verso 9; 3 no verso 10; 1 no verso 12; 1 no verso 13; 4 no verso 14 1 em cada um dos versos 15 e 16; e 2 no verso 17.

aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus. Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil. Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém! Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima (Ap 1:1-17).

Contexto histórico

O autor do Apocalipse identifica-se várias vezes como “João” (ver Ap 1:1, 4, 9; 22:8). O autor também afirma que estava na ilha de Patmos quando recebeu sua primeira visão (Ap 1:19). Apesar de não ser

explicitamente nomeado, entende-se que o autor do livro tenha sido o apóstolo João; isto por uma tradição muito antiga que se harmoniza com as informações fornecidas pelo o texto bíblico. O *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (SDABC) afirma:

Quase por unanimidade a tradição cristã reconhece-o como o autor do Apocalipse. Na verdade, todo escritor cristão até meados do século 3º, cujas obras ainda existem hoje e que menciona o assunto de alguma forma, atribui o Apocalipse de João, o apóstolo (NICHOL, 2002, p. 716).

Esses escritores são Justino Mártir em Roma (c.100-c.165 d.C., em “Diálogo com Trifão”), Irineu de Lião (c.130-c.202 d.C., em “Contra as Heresias”, v. iv), Tertuliano de Cartago (c.160-c.240 d.C., em “Prescrição contra Heréticos”), Hipólito de Roma (morreu c.220 d.C., em “Quem é o homem rico será salvo”, v. Xlii). É também apoiado pelo testemunho desses autores que o livro foi escrito num contexto de perseguição religiosa.³

C

ontexto literário

O livro do Apocalipse, de acordo com a maioria dos especialistas, tem a forma literária de *apocalíptica bíblica* (AUNE, 2002, p. lxxxii; NICHOL, 2002, p. 724). Kenneth A. Strand propõe que o livro, além de um prólogo e epílogo, possui oito visões principais dispostas numa estrutura quiástica, enfatizando os capítulos 14 e 15 como pivô central com um interlúdio profético, com exceção da primeira e da última (STRAND, 1992a); cada uma das visões são introduzidas por cenas de vitória (ver NEAL, 1992). Mesmo que alguns teólogos e estudantes do livro de Apocalipse fiquem desconfortáveis com a superutilização de “quiasmos”, mesmo onde eles não existam, os paralelismos temáticos em Apocalipse são evidentes entre as visões estruturadas, conforme sugeridas por Strand. Em anos recentes, foi proposto pelo teólogo adventista Jacques Doukan que essas oito visões

³ Para um apanhado geral do debate sobre a autoria joanina de Apocalipse, local e data da composição, veja a introdução do comentário sobre o livro do Apocalipse no SDABC (NICHOL, 2002, p. 715-720); para mais detalhes sobre a rejeição da autoria joanina por uma parte significativa do escolasticismo moderno, consulte a introdução do comentário de Apocalipse no *World Biblical Commentary* (AUNE, 2002, p. xlvi-lvi).

básicas poderiam ser agrupadas em uma estrutura sétupla, pois cada cena introdutória “retorna ao templo com uma nota litúrgica que faz alusão ao calendário das grandes festas santas de Israel (como prescrito em Levítico 23)” (DOUKHAN, 2002, p. 13-14).

Kenneth Strand procura delinear as influências da estrutura literária e dos temas e símbolos veterotestamentários na interpretação do livro do Apocalipse (STRAND, 1992b, p. 28-24, 24-25). Reinaldo Siqueira (2004, p. 85-101) expande estas ideias sugerindo que o Apocalipse não só utiliza-se de figuras do Antigo Testamento, mas ajuda a explicar e definir o sentido das profecias clássicas, ligando ambas clássica e apocalíptica. Estas ideias, de fato, não são de todo novas ou estranhas tanto entre cristãos de confissão adventistas (ver NEAL, 1992; PAULIEN, 1995; TREIYER, 1992, p. 466-468) quanto evangélicos (ver DRAPER, 1983; LÁSZLÓ GALLUSZ, 2011, p. 122-124; SWEET, 1979; ULFGARD, 1989, p. 2-5, 35-41) e católicos (ver KOESTER, 1989). Tais discussões da influência dos motivos do santuário e festas de Israel não são estranhas ou novas até mesmo seio do judaísmo (SINGER; ADLER, 1912, p. 390).

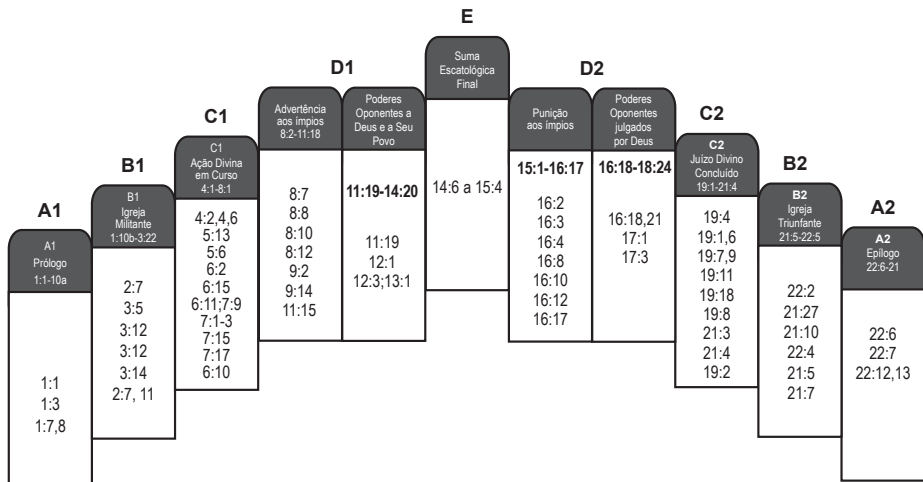
Com uma nota final sobre a estrutura geral do livro, Richard Davidson (1992, p. 115-116) salienta que as cenas introdutórias, quando comparadas umas com as outras, mostram uma progressão dos “acontecimentos proféticos”, enquanto as seções que introduzem geralmente apresentam uma recapitulação. Sobre esses relacionamentos entre as seções do livro de Apocalipse, Bruce Metzger (1994, p. 55-54), mesmo concebendo uma estrutura literária diferente (por exemplo, diferente agrupamento de visões) do que a proposta neste artigo, sumariza:

Seguindo esse padrão complicado e repetitivo, João preserva a unidade em seu trabalho, travando as diversas partes umas as outras e, ao mesmo tempo, desenvolvendo seus temas. O desenvolvimento, porém, não é de forma estritamente lógica, como estamos familiarizados com a escrita ocidental, é, sim, um produto da mente semita, que atravessa toda a imagem novamente e novamente. Assim, os sete selos e as sete trombetas essencialmente a mesma coisa dizer, cada vez enfatizando um ou outro aspecto do todo.

A estrutura proposta, desenvolvida com base nos princípios mencionados acima, está ilustrada na próxima página por uma figura.

Figura 1: Estrutura do Livro

Texto que sugerem paralelos na estrutura Quiástica do Apocalipse
 *Copilados pelo Dr. K. A. Strand



40

A perícopes está inserida no terceiro bloco da estrutura proposta na Figura 1, acima.

Estrutura da perícopes

Sugere-se a seguinte estrutura para a perícopes estudada (Ap 7):

- I – Os 144 mil Selados e o Selo de Deus – 7:1-8
 - a) O Selo Protetor de Deus – 7:1-3
 - b) O selamento do povo de Deus – 7:4-8
- II – O Povo de Deus Glorificado – 7:9-17
 - a) A visão e o Cântico dos salvos – 7:9-12
 - b) A descrição dos salvos – 7:13-17
 - i – O Caráter dos salvos – 7:13-15
 - ii – Promessas especiais aos salvos – 7:16-17

Textos paralelos

Apocalipse 14:1-5 apresenta-se como um claro paralelo das partes da perícopes estudada. Outro paralelo não tão evidente, que lança luz sobre à

identidade e o caráter dos 144 mil, é o capítulo 9 de Ezequiel. Ambos serão brevemente abordados posteriormente para “clarear” o entendimento em relação ao caráter dos 144 mil e o propósito de Deus para sua Igreja.

Motivos literários

O livro de apocalipse está repleto de instâncias que mostram como as promessas da aliança sobre um futuro glorioso irão se cumprir (SIQUEIRA, 2004, p. 98). O Capítulo 7 desenvolve os temas do concerto introduzidos nos capítulos anteriores (AUNE, 2002, p. 247).

Bênçãos e maldições da aliança

Tanto no Pentateuco quanto no livro de Apocalipse o tema das bênçãos e maldições da aliança estão presentes, delineando as consequências da obediência ou desobediência (SHEA, 1983). Como no Pentateuco, o livro do Apocalipse inicia com a enunciação da aliança – enfatizando basicamente 1) a bondade anterior do soberano e 2) estabelecendo a benevolência do mesmo como parte das estipulações – enquanto o resto do livro delineia o que acontece em consequência do cumprimento ou violação da aliança (STRAND, 1983).

Na perícope estudada, vemos os 144 mil de pé no monte de Sião, enquanto que no outro lado do quiasmo (veja a Figura 1), no capítulo 19, a besta, o falso profeta, e os adoradores da besta são lançados no lago de fogo.

41

Tribulação

O capítulo sete inicia a descrição de um período na história da terra onde os “quatro ventos” estão sendo seguros, para que não causassem nenhum mal ao soprar “na terra, no mar ou em qualquer árvore” (v. 1-3). Na sequência, na segunda parte da perícope (v. 14), encontra-se uma referência àqueles que escaparam da “grande tribulação”, provavelmente o mesmo evento descrito nos versos 1-3, após o acontecimento, sob a perspectiva dos salvos.

O vocábulo grego utilizado é θλιψεως, derivado de θλιψις. Pesquisando as ocorrências do termo na LXX, no contexto profético, encontra-se a ocorrência de uma construção muito similar em Daniel 12:1, que fala de um “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo”, aparecendo no final da narrativa “apocalíptica” de Daniel, no contexto do ataque final do rei do norte. No sermão profético, conforme narrado por Mateus e Marcos, Jesus faz referência à “grande tribulação” de Daniel,

aplicando-a primeiramente à destruição do templo e a um período posterior de perseguição que se estende até a sua volta (ver Mt 24:15-30; Mc 13:14-20).

Nestas passagens, Jesus associa esta tribulação com outro evento mencionado por Daniel: a “abominação desoladora”, como verte a *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), ou o “grande terror”, como o faz a *Nova Versão Internacional* (NVI). Segundo Beatrice Neal (1992, p. 253, grifo nosso), Daniel identifica três ocasiões onde a “abominação desoladora” atingiria o templo e atacaria o povo de Deus, bem como as analisa à luz do sermão profético de Jesus:

1) a destruição de Jerusalém (Dn 9:26-27); 2) a opressão do povo da aliança quando eles seriam “mortos à espada ou no fogo, ou serão mandados para fora do país como prisioneiros, ou perderão todos os seus bens” por “tempo, dois tempos e metade de um tempo” (11:31-35; 7:5); e 3) um ataque final no “tempo do fim” (11:40-12:1). Jesus parece misturar estes dois eventos, claramente fazendo referência para a destruição de Jerusalém (Mt 24:15-20, cf. Lc 21:20) e para um período posterior mais longo de perseguição (Mt 24:21, ver também o “apostasia” dos versículos 9-10, uma alusão a Dn 11:3 b-35). *Assim como a presença dos romanos nas áreas sagradas de Jerusalém marcaram o tempo do povo de Deus fugir nos tempos apostólicos, e o anticristo entronizando-se no templo/igreja de Deus (2Te 2:3-4) marcou o um tempo de grande perseguição na Idade Média, assim, do mesmo modo, o ataque final de Satanás contra a igreja do tempo do fim (Ap 12:17; 13:15-17) precipitará a grande tribulação dos últimos dias.*

42

Selamento

Antes que esta “grande tribulação” recaia sobre a Terra, João mostra outro anjo voando do oriente bradando em “alta voz” que nada fosse feito até que o povo de Deus estivesse marcado na frente (Ap 7:2-3). Nos tempos do Antigo Testamento, especialmente no contexto da aliança, selar ou marcar coisas e pessoas tinha diversos significados (ver FRIEDRICH, 1976, p. 939-953):

1) Propriedade: a circuncisão era uma marca de propriedade, mostrando que Israel pertencia ao Senhor (Gn 17:9-12). De modo análogo, o sumo sacerdote de Israel tinha em sua mitra uma placa com a frase “Santidade ao SENHOR” (Êx 28:36-38), indicado sua especial consagração a Deus. No

livro de Apocalipse, por diversas vezes, os santos são chamados de “sacerdotes” (ver Ap 16:1; 5:10; 20:6), portanto, a marca na frente sugeriria sua dedicação especial a Deus.

2) Proteção: desde os tempos antigos, o objeto ou a pessoa que fosse tomado como propriedade imediatamente ficava sob proteção. Talvez a ocorrência mais antiga de um selo com essa função seja o selamento de Caim (Gn 4:15). Em Êxodo 12 há outro exemplo onde o sangue do cordeiro marcava e dava proteção aos primogênitos contra o Anjo da morte (Êx 12:12-13). A esse respeito, o livro de Ezequiel apresenta uma cena muito similar à de Apocalipse 7:1-3, tanto no aspecto temporal (ambas parecem situar-se em uma cena de juízo do Dia da expiação) quanto nas figuras utilizadas. Em Ezequiel 9, o selamento na frente dos fieis protege-os dos anjos executores do juízo de Deus (Ez 9:4-6). Assim, o Selo de Deus, em Apocalipse, não os protege necessariamente dos poderes humanos, mas da ira de Deus contra aqueles que violaram sua aliança.

3) Outros aspectos relacionados ao selamento: em Deuteronômio 6:8, lê-se: “Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos.” Aqui, os israelitas foram ordenados a colocar os mandamentos de Deus como um sinal, atado em seus braços e frente. Nos versos anteriores (Dt 6:5-7) há fortes indicações de que esse ato deveria simbolizar uma resposta do ser inteiro – no campo dos pensamentos, emoções e mesmo comportamento – e deveria permear todas as áreas da vida. Portanto, o simbolismo do selamento na frente (Ap 7:3) e a marca falsificada da besta na mão (Ap 13:17) simbolizam respectivamente uma resposta integral do ser a Deus, ou conformidade à vontade do inimigo.

Em Apocalipse 14:1, quando os 144 mil estão no monte de Sião, vitoriosos, com o cordeiro, eles são descritos como tendo “escritos na testa o nome dele [do Cordeiro] e o nome de seu Pai”. Em Ezequiel 9:4, onde costumeiramente se lê na NVI “ponha um sinal” ou na ARA “marca com um sinal”, no hebraico se lê, literalmente, “marca com um *tav*”. Deve-se notar que, nos tempos do profeta Ezequiel, o *tav* era grafado como uma cruz (BYRNE, 2008).

Visto que na mentalidade bíblica o nome de um sujeito representa o caráter de seu possuidor, à luz dos textos acima, João parece sugerir que os vitoriosos da última crise serão aqueles que têm o caráter semelhante ao de Cristo “estampado” sobre o seu próprio. Na temática de Apocalipse 7 e 14, em contraste com Apocalipse 13, no conflito final, todos refletirão o caráter de Cristo ou de Satanás.

Os 144 mil e a grande multidão

Apocalipse 7 mostra duas cenas distintas, uma que introduz os 144 mil e outra que introduz a “Grande Multidão”. Nesta seção será considerado mais diretamente o assunto sobre os 144 mil e o seu relacionamento com a grande multidão, para encontrar marcas identificáveis dos 144 mil e tentar relacioná-las ao propósito de Deus para a sua Igreja com base nas mesmas características.

Significado do número

Os 144 mil já foram caracterizados como “a ala humana do exército cósmico de Deus” (BLOUNT, 2009, p. 145). João ouve o número (Ap 7:4) e sua composição (Ap 7:5-8) – 12.000 de cada uma das 12 tribos de Israel – sem, no entanto, nenhuma explicação posterior fornecida. A identidade desse grupo já foi extensamente debatida e, atualmente, poucos sustentam a interpretação de que o número é uma referência literal à nação de Israel (BLOUNT, 2009, p. 158).

O pesquisador e pastor britânico Michael Wilcock (1991, p. 8) afirma:

A figura é presumivelmente outra das figuras simbólicas do Apocalipse, e de fato aparenta ser muito estilizada para ser qualquer outra coisa – o tipo de número suspeitosamente arrumado que é muito mais provável que seja um símbolo do que uma estatística.

De fato, o número 144 mil (12 x 12 x 1000) é baseado no número de tribos de Israel, em número de 12, e também, como alguns têm sugerido, 12 apóstolos do cordeiro (JOHNSON, 2004, p. 184). Na mentalidade hebraica, 12 é o número da perfeição de governo (BULLINGER, 2006, p. 253) e 1.000 é o número da plenitude divina. Portanto 144 mil sugere uma simetria perfeita, uma vastidão dos selados e a perfeição e completeza da Igreja de Deus.

Relacionamento com a grande multidão

Depois que João ouve o “censo” dos remidos, ele os vê como uma grande multidão no céu. Muito já se discutiu e publicou sobre o assunto, dando abertura a várias teorias. Beatrice Neal (1992, p. 267-272) agrupa as principais visões do relacionamento entre os 144 mil e a grande multidão em 4 grupos de posturas:

1) Judeus literais contrastados com os gentios: os maiores defensores desta posição são os dispensacionalistas, identificando os 144 mil como o número de Judeus convertidos que serão protegidos da tribulação enquanto a grande multidão será martirizada (PENTECOST, 2010, p. 214,297-298,300; WALVOORD, 1989, p. 143-146). Uma das dificuldades dessa interpretação é que a distinção entre judeus e gentios não é feita em nenhum lugar do livro de Apocalipse (NEAL, 1992, p. 268).

2) A última geração de santos contrastada com os redimidos de todas as eras: alguns sustentam que os 144 mil são os crentes selados durante a crise final, uma espécie de “exército de Deus”, enquanto que a grande multidão serão os salvos de todas as épocas (MOUNCE, 1998, p. 171; SMITH, 2004, p. 470-471). No entanto, em Apocalipse 7:13-14, surge a pergunta; “Estes [...] quem são e donde vieram?” e a subsequente resposta de que “são estes os que vêm da grande tribulação”; essa questão introduz um problema para esta interpretação, pois, nas palavras do ancião de Apocalipse 7:14, eles não são os redimidos de todas as eras, mas os que passaram pela grande tribulação.

3) Ambos são o mesmo grupo em circunstâncias diferentes: a conclusão que ambos os grupos retratados no capítulo 7 são os mesmos, apenas representados em momentos diferentes – respectivamente, a Igreja militante e a Igreja triunfante – é partilhada por muitos estudiosos (HOEKSEMA, 2000, p. 265-266; NICHOL, 2002, p. 785). Apesar de ser uma interpretação lógica e fiel ao texto, além de resolver os problemas das interpretações anteriores, ela ainda apresenta um problema que não é percebido facilmente: se a segunda cena de Apocalipse sete representa a igreja no céu, depois da segunda vinda de Cristo, então os santos de todas as épocas devem estar presentes ao redor do trono, não somente a última geração.

4) A igreja na tribulação que está espiritualmente diante do trono: esta interpretação foi originalmente proposta por Beatrice Neal (1992, p. 270-272) durante sua participação no *Daniel and Revelation Committee*, a qual é adotado no restante deste artigo e complementada com elementos expostos anteriormente, para se definir, com base em Apocalipse 7, a Identidade e o propósito da Igreja de Deus.

Para começar a entender essa proposta, faz-se necessário observar que, em Apocalipse 7:14 o texto grego não afirma “estes que vieram da grande tribulação”, mas “estes os que estão vindo [ἐρχόμενοι] da grande tribulação”⁴.

⁴ O verbo ἐρχομαι está no plural masculino, no particípio presente médio ou passivo do nominativo

Aparentemente a tribulação está em andamento. Nesse sentido, tem-se a impressão de que algo está errado com a tradução até que seja observado um padrão marcante dos escritos joaninos: o conceito de “vida eterna agora, céu nesta vida” (NEAL, 1992, p. 270), algo que, de certo modo, reflete o conceito teológico conhecido com “Já, mas não ainda”. Muitos exemplos são observáveis, em especial, no evangelho de João⁵. Essa proposta sugere que o mesmo modo de pensamento – onde o que é real e literal no futuro avança para o presente como uma experiência espiritual – aparece no livro de Apocalipse.

Beatrice Neal (1992, p. 270), em sua proposta, cita algumas evidências internas destes paradoxos no livro de Apocalipse:

- ✧ Os santos reinarão para sempre (Ap 22:5), mas João já compartilha do Reino (Ap 1:9) mesmo no exílio;
- ✧ O Rio da Vida fluí pela Nova Jerusalém (Ap 22:1-2), mas quem tem sede pode beber agora (Ap: 7:17);
- ✧ Cristo virá em breve com a recompensa (Ap 22:12), mas Ele vem já para a Sua Igreja (Ap 2:5, 16, 25);
- ✧ A nova Jerusalém virá do céu para a Nova Terra (Ap :21:2), mas ela desce agora mesmo para aquele que vence (Ap 3:12).

46

Em harmonia com essa visão, João consistentemente se refere aos inimigos de Deus como aqueles que “habitam sobre a terra” (Ap 13:8), ao passo que aos santos chama de aqueles que “habitam [σκηνοῦντας] no céu” (Ap 13:5); portanto, viver no céu é uma experiência presente (NEAL, 1992, p. 271), tendo acesso ao trono através do cordeiro (ver Hb 10:19-23).

O duplo sentido joanino é evidente nas palavras de Jesus em João 5:25: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão.” Na mesma passagem, o significado futuro é claro: na volta de Cristo os mortos serão ressuscitados. Mas o significado presente está também evidente: aqueles que estão espiritualmente mortos são trazidos de volta à vida ao ouvirem Jesus chamar. Com o

⁵ Veja alguns exemplos no quarto evangelho: 1) absolvição do julgamento (5:24); 2) ressurreição da morte (5:25); 3) vida eterna (6:47); e 4) volta de Jesus (no futuro, 14:1-3, e no presente, em 14:18,23).

duplo sentido em mente, Apocalipse 7 se enche de significados e os problemas expostos são resolvidos, respeitando-se a fidelidade ao texto. No caso do texto em estudo, visto que a grande multidão ainda está emergindo da grande tribulação (v. 14), mesmo na terra, os crentes podem estar no céu, em sentido espiritual, pelos méritos do cordeiro e a obra do Espírito Santo. Quando eles cantam “A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro” (Ap 7:10), este cântico, como os salmos imprecatórios, se torna um pedido de ajuda que acende aos céus, sendo respondido por Deus, que os protege dos ventos de destruição (Ap 7:1) e das pragas vindouras (Ap 7:16, cf. 16:8).

Dra. Neal (1992, p. 272) sumariza:

Como é comumente entendido, a primeira cena de Apocalipse 7 descreve a preparação para a tribulação e, na segunda cena, libertação da tribulação, sem menção da tribulação em si. Mas se o duplo sentido é intencional, o capítulo mostra como cristãos lidam com a tribulação quando no calor da mesma – como eles são protegidos no tempo de prova que virá sobre o mundo todo (3:10).

Considerações finais

47

No começo deste artigo, duas questões foram levantadas. A primeira delas é: quais são as características autoevidentes no texto bíblico que nos permitem traçar um perfil da identidade, das características constitucionais dos 144 mil?

Para que a questão seja respondida deve-se lembrar que Apocalipse 7 parece responder a pergunta “quem é que pode suste-se?” (Ap 6:17) com os 144 mil sendo preparados para a tribulação. Mais adiante (v. 10), é demonstrado que uma das características marcantes dos 144 mil é que eles proclamam com grande voz a mensagem de justificação pela fé, que é a obra do Terceiro Anjo.⁶

Quando considerado o duplo sentido joanino, e se observa Apocalipse 7 à luz do que foi analisado até aqui, pode-se perceber que ao passo que as maldições se abaterão sobre a terra, aqueles que forem fieis a Deus permanecerão inabalados perante o seu juízo.

⁶ A mensagem do Terceiro Anjo é, juntamente com a restauração de outras verdades, a exaltação de Jesus e a inteireza de seu ministério por nós (WHITE, 2006, p. 362.4, 2010, p. 19-20).

À luz da evidência bíblica recapitulada neste artigo, os 144 mil são uma figura da Igreja Militante que permanecerá fiel até a volta de Cristo. Sob esse prisma, o motivo do selamento é crucial para identificar o propósito da Igreja de Deus na atualidade. O selamento, à luz do contexto de Apocalipse 7:1-3 e Ezequiel 9, ocorre imediatamente antes do encerramento do dia da expiação antitípico.


Ao selar Seu povo, Deus se coloca como seu proprietário e, portanto, a diretiva bíblica “Sejam santos, porque eu sou santo” (1Pe 1:1, cf. Lv 11:44,45; 19:2; 20:7) nunca foi tão atual. O mesmo selo que define o povo de Deus também protege da ira divina contra aqueles que violaram sua aliança. Ao passo que o selo de Deus, dentro do contexto do adventismo do sétimo dia, tem sido relacionado com os 10 mandamentos, e com o quarto mandamento em especial, existe uma segunda dimensão para o significado deste selo que transcende e abarca o primeiro. Antes mesmo de ações (o selo de Deus, à luz da evidência bíblica exposta [Dt 6:5-8; Ap 7:3, Ez 9:4]), o selamento é um símbolo da resposta do ser inteiro, abrangendo todas as áreas da vida, ao chamado divino à santidade.

Se à luz de Deuterônimo 6:5-8, e outros inúmeros textos não citados neste artigo, percebe-se que a segunda dimensão do selo é mais inclusiva, ao se refletir acerca do selo escatológico de Apocalipse 7:3 e 14:1, sob o pano de fundo de Ezequiel 9 (especialmente o v. 4), percebe-se que o selamento é a obra de Cristo nos crentes, através de Seu Espírito (ver Ef 1:13-14), que os faz não somente pertencer a Ele, mas possuir o seu caráter estampado sobre o deles mesmos. Mesmo não refletindo a sua inteireza de santidade, o caráter de Cristo nos crentes já pode apresentar parte do aspecto “sem mácula” (Ap 14:5b) diante do Pai. No contexto da aliança, “sem mácula” não significa “não pecar”, mas andar com Deus como Abraão, Noé e outros o fizeram (ver Gn 6:9, 17:1; cf. Hb 11). Deus intenciona que sua igreja, cada membro individualmente e diariamente, receba o selo divino em suas vidas e demonstre ao mundo que está em harmonia com Deus e Seus imperativos — não só o sábado e os outros mandamentos, mas todo o ser deve ser consagrado ao Criador.

Uma das características dos 144 mil em Apocalipse 14:5, é que “não se achou mentira em sua boca”. Deus espera por uma Igreja, e seus membros individuais, apenas a verdade. No verso 4, eles são caracterizados como “seguidores do Cordeiro”. Antes de ser sua tarefa futura, no céu, é dever da Igreja e de cada indivíduo, nos dias atuais, seguir os passos de Cristo, conhecer sua voz (ver Jo 10:2-5) e apegar-se ao “assim diz o Senhor”, não ao

assim diz a sociedade, às finanças, ou qualquer outra desculpa para a não conformidade com o evangelho de Cristo. É por isso que em Apocalipse 14:4 eles são declarados “castos” e incontaminados com mulheres, preservando-se uma em vida de fidelidade ao Salvador.

A segunda pergunta a ser respondida por este artigo é: qual é a relação das características dos 144 mil com o propósito de Cristo para Sua Igreja hoje? À luz do que foi recapitulado neste artigo, parece clara a função de Apocalipse 7: alertar a Igreja de Deus à necessidade de uma reforma e reavivamento, diário e constante, na vida do indivíduo e da comunidade.

Por fim, a perfeição numérica do número 144 mil é uma forte indicação daquilo que já é evidente na Bíblia: Deus cumprirá a risca seus planos e promessas para o seu Israel, a despeito dos eventos que acontecem no mundo ou na igreja ou a despeito da preparação dos crentes. 

Referências

- AUNE, D. E. **Word biblical commentay**. Dallas: Word, Incorporated, 2002. v. 52A.
- BLOUNT, B. K. **Revelation**: a commentary. [S.l.]: Westminster John Knox Press, 2009.
- BULLINGER, E. W. **Number in Scripture**. New York: Cosimo, Inc., 2006.
- BYRNE, R. **Hebrew seals and the rush to biblical judgment**: seal controversy: from Temech to Shlomit. Disponível em: <<http://www.bib-arch.org/scholars-study/seal-controversy-06.asp>>. Acesso em: 22 mai. 2012.
- DOUKHAN, J. **Secrets of Revelation**: the Apocalypse through Hebrew eyes. Hagerstown, MD: Review and Herald Pub. Association, 2002.
- DRAPER, J. A. The heavenly feast of tabernacles: Revelation 7.1-17. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 6, n. 19, p. 133-147, 1 jan. 1983.
- FRIEDRICH, G. (ED.). **Theological dictionary of the New Testament theological dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.
- HOEKSEMA, H. **Behold, He cometh!**: an exposition of the book of Revelation. Jenison: Reformed Free Pub. Association, 2000.

JOHNSON, D. W. **Discipleship on the edge**: an expository journey through the book of Revelation. Vancouver: Regent College Publishing, 2004.

KOESTER, C. R. **The dwelling of God**: the tabernacle in the Old Testament, Intertestamental Jewish Literature, and the New Testament. Washington: Catholic Biblical Assn of Amer, 1989.

LÁSZLÓ GALLUSZ. **The throne motif in the book of Revelation**. Budapest: Károli Gáspár University of the Reformed Church in Hungary, mai. 2011.

METZGER, B. M. **Breaking the Code**: understanding the book of Revelation. Nashville: Abingdon Press, 1994.

MOUNCE, R. H. **The book of Revelation**. [S.l.]: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1998.

NEAL, B. S. Sealed Saints and the Tribulation. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Symposium on Revelation - Book I**. Daniel and Revelation Committee Series. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, General Conference of Seventh-day Adventists, 1992. p. 245-278.

50 NICHOL, F. D. **The Seventh-day Adventist Bible commentary**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 2002. v. 7.

PAULIEN, J. The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 33, n. 2, p. 245-264, 1995.

PENTECOST, J. D. **Things to come**: a study in biblical eschatology. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

SHEA, W. The Covenantal Form of the Letters to the Seven Churches. **Andrews University Seminary Studies**, v. 21, n. 3, p. 251-264, 1983.

SINGER, I.; ADLER, C. **Revelation (book of)**. New York: Funk and Wagnalls, 1912.

SIQUEIRA, R. W. A profecia apocalíptica como chave hermenêutica para a interpretação da escatologia da profecia clássica do AT: um estudo em Isaías, Jeremias, Daniel e Apocalipse. In: TIMM, A. A.; RODOR, A. A.; DORNELES, V. (Eds.). **O futuro: A visão adventista dos últimos acontecimentos**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2004. p. 83-101.

SMITH, U. **The Prophecies of Daniel and the Revelation**. Whitefish, MT: Kessinger Publishing, 2004.

STRAND, K. A. A Further Note on the Covenantal Form in the Book of Revelation. **Andrews University Seminary Studies**, v. 21, n. 3, p. 251-264, 1983.

STRAND, K. A. The Eight Basic Visions. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Symposium on Revelation - Book I**. Daniel and Revelation Committee Series. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, General Conference of Seventh-day Adventists, 1992a.

STRAND, K. A. Foundational Principles in Interpretation. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Symposium on Revelation - Book I**. Daniel and Revelation Committee Series. Silver Spring: Biblical Research Institute, General Conference of Seventh-day Adventists, 1992b.

SWEET, J. **Revelation**. Philadelphia: Westminster Press, 1979.

TREIYER, A. R. **The Day of Atonement and the heavenly judgment**: from the Pentateuch to Revelation. Siloam Springs: Creation Enterprises International, 1992.

ULFGARD, H. **Feast and future**: Revelation 7:9-17 and the Feast of Tabernacles. [S.l.]: Almqvist & Wiksell, 1989.

51

WALVOORD, J. F. **The revelation of Jesus Christ**. Chicago: Moody Press, 1989.

WHITE, E. G. **Selected Messages, Vol. 1**. Hagerstown, MD: Review and Herald Pub Assoc, 2006. v. 1.

WHITE, E. G. **Testimonies for the Church**. 1. ed. Washington: Ellen G. White Estate, Inc., 2010. v. 6.

WILCOCK, M. **The message of Revelation**: I saw heaven opened. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1991.

Enviado dia 14/11/2012

Aceito dia 04/01/2013

